

Religiões étnicas na Guiné-Bissau: resistência e sobrevivência frente aos incêndios nas Balobas de Bissau.

Ethnic Religions in Guinea-Bissau: Resistance and Survival in
the Face of the Balobas Fires in Bissau.

Domingas da Silva¹
Adulai Baldé²

Resumo: Este artigo analisa casos de discriminação e violência contra religiões tradicionais africanas em Bissau, Guiné-Bissau, entre fevereiro e março de 2024. Observa-se que grupos étnicos locais enfrentam ameaças constantes, especialmente de segmentos monoteístas evangélicos e protestantes, que não reconhecem a diversidade das práticas religiosas. A investigação baseou-se em postagens e notícias em redes sociais e jornais, pesquisas bibliográficas e trabalho de campo com Djambakus e Balobeiros, realizado pela autora em sua pesquisa de doutorado em 2023. Os resultados indicam que, em um contexto urbano multietnico e religiosamente plural, as Balobas não são apenas espaços rituais, mas também arenas de resistência cultural, identidade e sobrevivência. Episódios de queimadas das Balobas

Recebido em 25 de maio de 2025
Aceito em 29 de outubro de 2025

¹ Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professora Ma. Substituta pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). E-mail: domingas@unilab.edu.br, domingas@discente.ufg.br.

² Doutor em Literatura e Cultura, com ênfase em teoria e crítica da literatura e cultura pela Universidade Federal da Bahia-UFBA (2023). Professor substituto do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Bambuí e quadro técnico do Ministério da Educação Nacional, Ensino Superior e Investigação Científica da Guiné-Bissau, Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação-INDE. E-mail: adulai.balde@ifmg.edu.br.

evidenciam as tensões, mas reforçam a persistência das tradições religiosas frente às pressões externas.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Grupo étnico; Religiosidade; Resistência; Intolerância.

Abstract: This article analyzes cases of discrimination and violence against African traditional religions in Bissau, Guinea-Bissau, between February and March 2024. It shows that local ethnic groups face constant threats, particularly from monotheistic segments such as Evangelicals and Protestants, who do not recognize the diversity of religious practices. The investigation was based on social media and newspaper posts, bibliographic research, and fieldwork with Djambakus and Balobeiros, conducted by Domingas da Silva in 2023 as part of her doctoral research. The results indicate that, in an urban context marked by ethnic diversity and religious pluralism, Balobas are not only ritual spaces but also arenas of cultural resistance, identity, and survival. Episodes of Baloba burnings reveal ongoing tensions while reinforcing the persistence of traditional religious practices in the face of external pressures.

Keywords: Guinea-Bissau; Ethnic group; Religiosity; Resistance; Intolerance.

Introdução

Situado na Costa Ocidental da África, a Guiné-Bissau é um país de diversidade religiosa e cultural, onde, historicamente, as diferentes comunidades religiosas convivem de maneira relativamente pacífica.

Na Guiné-Bissau, o islamismo, o cristianismo e as religiões tradicionais africanas coexistem, e é comum que indivíduos pratiquem mais de uma dessas religiões ao longo da vida, influenciados por fatores familiares, comunitários e contextuais. Segundo dados recentes, cerca de 44,6% da população é muçulmana, 13% é cristã, e aproximadamente 30% ainda mantém práticas das religiões tradicionais africanas, muitas vezes de forma sincrética (ACN International, 2023)³. Esse sincretismo evidencia a

³

Disponível

em:

https://acninternational.org/religiousfreedomreport/pt/relatorios/pais/2023/guine-bissau?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 04 de outubro de 2025.

flexibilidade das práticas religiosas no país e reflete a diversidade cultural e espiritual da população guineense, permitindo que diferentes tradições coexistam e se adaptem às dinâmicas sociais e comunitárias locais.

Apesar da convivência pacífica entre as religiões, ainda existem alguns episódios pontuais de intolerância religiosa. Esses casos muitas vezes envolvem tensões entre as religiões monoteístas, pentecostais e neopentecostais e seguidores das religiões de matriz africana. No entanto, essas tensões não costumam ser de larga escala, como em outros contextos de conflitos religiosos mais intensos. A intolerância religiosa na Guiné-Bissau é um fenômeno complexo, influenciado por fatores históricos, culturais, sociais e políticos devido à herança colonial imposta à sociedade guineense, e, por isso, ela se manifesta ou ocorre em forma de discriminação social, perseguição verbal ou violência⁴.

Em algumas situações específicas, observam-se tensões relacionadas à utilização de espaços e à realização de rituais religiosos. Embora esses episódios não sejam predominantes no cotidiano social, revelam dinâmicas de disputa simbólica e territorial que merecem atenção, pois expressam formas sutis de intolerância e resistência entre diferentes grupos religiosos.

Ademais, as normas de organização do Estado guineense derivam de uma estrutura de racismo sistêmico e estrutural, forjada durante o período colonial e consolidada no processo de formação do Estado pós-independência. Esse sistema, marcado por uma guerra de libertação nacional que perdurou por onze anos, enfrentou um regime colonial genocida que não apenas oprimiu as populações locais, mas também violentou e marginalizou as religiões de matrizes africanas, impondo modelos eurocêntricos de civilização e espiritualidade⁵.

⁴NOGUEIRA, Sidnei Barreto. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Pólen, 2020.

⁵Como observa Frantz Fanon (2008), o colonialismo impôs uma hierarquia racial que negava a humanidade e a espiritualidade dos povos colonizados, reduzindo-os à subalternidade. Achille Mbembe (2017) amplia essa leitura ao discutir a *necropolítica*, mostrando como o poder colonial e pós-colonial continua a gerir a vida e a morte dos sujeitos africanos dentro de um regime de violência contínua. Para Aníbal Quijano (2005), essa lógica inscreve-se na *colonialidade do poder*, que estrutura as formas de conhecimento e de organização do Estado moderno, perpetuando desigualdades raciais e epistêmicas. Abdias Nascimento (1989) complementa essa reflexão ao destacar que o racismo estrutural também se manifesta na negação das

Segundo Domingos⁶, a religiosidade dos grupos étnicos na Guiné-Bissau constitui um conjunto de práticas culturais que impulsionam a relação entre vivos e mortos, sendo importante na proteção da coletividade, da família e da natureza. Essa concepção da existência espiritual é inegável e vem sendo preservada dentro da coletividade. Porém, esses valores deixam a desejar hoje em dia na sociedade guineense, devido à intolerância religiosa e ao empobrecimento das práticas espirituais provocado por alguns elementos de congregações religiosas de linhagens ocidentais que estão instrumentalizando cada vez mais seus rebanhos na disputa pelos fiéis no mercado da fé.

Nesse sentido, a intolerância religiosa é visível em períodos dos pleitos eleitorais, em que políticos e militantes se valem da religião para mobilizar apoio ou dividir a população, segundo Silva⁷. A instabilidade política e os conflitos internos do país, que têm raízes em questões de governança e poder, acirram as disputas religiosas, criando um cenário em que a intolerância se torna mais visível.

Este artigo pretende discutir os acontecimentos de violência e intolerância sofridos por algumas *Balobas* (lugar sagrado) em fevereiro e março de 2024, em que alguns grupos de cidadãos (não identificados) decidiram incendiar *Balobas* nos bairros mais sagrados de Bissau (Bandim e Mindará), para implantar a intolerância religiosa contra grupos de pessoas que decidiram adorar o “Deus” deles, à sua maneira, recusando assim, os convites dos segmentos religiosos,

religiões de matriz africana, vistas como primitivas ou inferiores, dentro do imaginário colonial e pós-colonial.

⁶DOMINGOS, Luís Tomás. Religião tradicional Africana. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 1, p. 10690-10698, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23915>. Acesso em: 20 mar. 2025.

⁷ SILVA, Domingas da. O Tabu e o visível: tribalismo e política na eleição de 2019-2020 em Guiné-Bissau. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de

Pós-Graduação em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3685/1/DO%20MINGAS%20DA%20SILVA%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2025.

como os pentecostais e neopentecostais, que estão utilizando ferro e fogo na disputa pelos fiéis no mercado religioso guineense.

No contexto atual da Guiné-Bissau, observa-se o crescimento de manifestações de intolerância em relação às religiões tradicionais africanas. Esse fenômeno tem se tornado mais visível sobretudo nas áreas urbanas, onde a convivência entre diferentes grupos religiosos é mais intensa. Tais manifestações, que incluem atitudes hostis e episódios de profanação das *Balobas*, indicam um processo de radicalização religiosa que desafia as formas tradicionais de convivência e respeito inter-religioso. Ainda que não representem a totalidade das relações entre os grupos, esses episódios revelam tensões latentes e a persistência de práticas discriminatórias que impactam diretamente as dinâmicas culturais e espirituais locais.

Observa-se que tais manifestações de intolerância ocorrem em contextos específicos. Por exemplo, indivíduos que anteriormente frequentavam uma *Baloba* e posteriormente se converteram a igrejas evangélicas podem, em alguns casos, adotar comportamentos hostis em relação à congregação anterior. Esses episódios acontecem mesmo na presença de pessoas que continuam a praticar a fé por meio das tradições espirituais ancestrais, evidenciando tensões entre diferentes formas de religiosidade no mesmo espaço social.

Por trás desses episódios de incêndio em *Balobas*, observa-se que alguns indivíduos buscam deslegitimar ou enfraquecer as práticas das religiões de matrizes africanas. Os ataques aos templos e aos frequentadores representam uma forma significativa de violência simbólica e material no cotidiano guineense. Esse tipo de conflito é particularmente difícil de combater, pois está enraizado na recusa das diferenças religiosas e na imposição de uma visão única sobre o sentido do mundo, frequentemente acompanhada de uma postura salvacionista por parte daqueles que promovem tais atos.

Frequentemente, observam-se gestos de hostilidade direcionados aos praticantes de religiões tradicionais, evidenciados em falas e comentários de usuários guineenses nas redes sociais. Essas manifestações refletem o descontentamento da população diante dos incêndios de *Balobas* e podem ser interpretadas como expressões de tensão e reação às agressões contra os espaços sagrados.

Trecho de comentários em postagens de Facebook:
Exigimos respeito às religiões e principalmente a religiões que simbolizam as nossas raízes e identidade que carregamos como guineense e pertencentes de diferentes grupos étnicos, cultura e

religiões. Não existe religião certo ou errado. Todos estão realizando a vontade de Deus e de deuses e um caminho certo para salvação⁸.

Isso nos mostra que a religião está sendo usada para que os mais variados fanatismos sejam chamados de “vontade de Deus”, esquecendo que a santidade está na ação justa e na coragem de proteger aqueles que não podem defender a si mesmos. O que Deus ou Deuses desejam está no coração de cada um de nós, por meio dos nossos atos. Ressalta-se que ter fé é uma coisa, mas quando se tem fé sem raciocinar, isso acaba nos levando ao fanatismo, que é um perigo para a saúde mental, como também para a sociedade em geral.

No entanto, essa prática religiosa está enquadrada dentro dos preceitos culturais dos grupos étnicos na Guiné-Bissau, e principalmente das etnias, por exemplo: Manjacos, Papéis, Mancanhas, Bijagós, entre outros, que possuem uma ligação muito forte com a espiritualidade ancestral. A crença espiritual é considerada como a primeira forma de manifestação religiosa do povo guineense antes do período da colonização portuguesa, assim como durante a época da colonização, e permaneceu até os dias atuais em meio à intolerância e resistência.

Domingos⁹ ressalta que a religiosidade destes grupos étnicos acima mencionados está pautada na relação com a natureza, família e coletividade, considerada como elementos importantes na proteção dos indivíduos, como também da comunidade. Esses atributos constituem um conjunto de práticas culturais ligadas à relação entre vivos e mortos. A morte, na concepção desses grupos étnicos, não significa o fim da vida, mas sim uma viagem e continuidade da extensão da vida.

Na tradição de alguns grupos étnicos da Guiné-Bissau, como os Manjaco, Papel e Mancanhi, os mortos permanecem presentes no convívio da comunidade, integrados ao seio da família, do clã e da coletividade. Nunca será esquecido pelo bem que a pessoa fez durante a sua passagem na terra. Por isso, os que permanecem vivos na terra têm a obrigação de tratá-los com a maior atenção e cautela, por meio de uma relação simbólica permanente, que ocorre nas cerimônias

⁸https://www.facebook.com/search/top/?q=queimada%20de%20abalobas%20em%20Bissau&locale=pt_BR. Disponível no Facebook. Acesso em 01/10/2025.

⁹ DOMINGOS, 2021.

espirituais cotidianas em *Balobas* e *Kansaré* – lugares sagrados de adoração espiritual. Os espíritos das pessoas mortas são vistos na comunidade como mensageiros das causas sobrenaturais e são considerados como os provedores das causas do mal e do bem dentro da comunidade. Assim, tais grupos étnicos acreditam na incorporação espiritual e fazem deste uso uma crença religiosa insubstituível. Por exemplo, no caso de uma doença, ou em situações difíceis de vida ou morte, os indivíduos procuram os *Djambakus* (entidade religiosa que faz a consulta tradicional e processo da cura ou *Muru* (entidade religioso islâmico que faz a consulta tradicional e processo da cura) para fazer as consultas tradicionais e investigar a causa da doença ou da morte, acreditando que a consulta de *djambakus e murus* aos espíritos sagrados pode ajudá-los a compreender os motivos de tais acontecimentos na vida deles, daí realizar as cerimônias e rituais de acordo com as demandas de cada problema descoberto pelo *Djambakus*, e assim para minimizar a causa do mal e agradecer pelo bem.

Os acontecimentos históricos do colonialismo português, acompanhados da expansão do catolicismo e de outras expressões religiosas, geraram preconceito, intolerância e a marginalização das religiões dos grupos étnicos. Esse legado influenciou a formação do Estado-nação guineense, que, ao adotar, após a independência, os modos de operação herdados dos colonizadores, manteve uma postura de desrespeito à diversidade religiosa e étnica. Vale ressaltar que, enquanto o catolicismo funcionava como instrumento institucional de controle e assimilação, outras formas de religiosidade, como práticas africanas ou islâmicas, foram historicamente desvalorizadas e muitas vezes reprimidas.

No entanto, essas manifestações de intolerância religiosa e atos de violência contra os praticantes das religiões de matrizes tradicionais representam não apenas um retrocesso social, mas também têm potencial para gerar conflitos cujos efeitos podem ser imprevisíveis.

Após esses episódios, algumas entidades religiosas dos grupos étnicos que praticam religiões tradicionais africanas apontaram que determinadas congregações evangélicas têm promovido atos de perseguição, como incêndios em *Balobas*. Esses ataques refletem a dificuldade de alguns grupos ou indivíduos em respeitar o direito dos praticantes de seguir seus rituais religiosos sem a imposição de preceitos monoteístas ocidentais ou orientais. É importante ressaltar que tais ações não representam a totalidade dos evangélicos, mas se concentram em grupos minoritários ou específicos, o que reforça a

necessidade de analisar a intolerância de forma contextualizada e precisa.

Conforme relatado em entrevistas veiculadas pelo “Rádio TV Cidade Guiné-Bissau, TV Bantaba e publicações no facebook”¹⁰, chefes de *Balobas* afirmaram que, em alguns casos, membros de congregações evangélicas têm caracterizado a religiosidade ancestral como práticas associadas ao “demônio” ou como manifestações de menor valor social, desconsiderando sua complexidade e significado cultural. Essas percepções refletem atitudes preconceituosas e intolerantes, que comprometem o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural e religiosa na sociedade guineense.

É lamentável afirmar que a construção dos Estados africanos, principalmente na Guiné-Bissau, trouxe grandes desvantagens na prática dessas religiões, razão pela qual a exclusão dos saberes tradicionais no ensino, a desvalorização das entidades religiosas tradicionais na tomada de decisão política no país, como também a rejeição da descentralização dos poderes tradicionais dos régulos (chefes das aldeias) em fazer parte do Estado, na elaboração das leis que defendem os direitos da diversidade cultural e religiosa dos grupos étnicos.

Ademais, é necessário que o Estado promova ações concretas no combate à intolerância e ao desrespeito às religiões de matrizes africanas, por meio da implementação e efetivação de leis que garantam proteção e respeito às diferentes manifestações religiosas. Também é importante incluir os conhecimentos endógenos no currículo escolar, fortalecendo a valorização cultural. Nesse sentido, torna-se oportuno refletir sobre como o poder público e as instituições estatais da Guiné-Bissau abordam a questão da laicidade, considerando que o país é oficialmente laico. Essa reflexão é essencial para compreender até que ponto os princípios de neutralidade religiosa são efetivamente respeitados na formulação de políticas públicas e na promoção da diversidade cultural e religiosa.

Os pressupostos teóricos que sustentam essa pesquisa fornecem uma base sólida para entender como as comunidades da Guiné-Bissau, com suas diversas manifestações religiosas, utilizam essas

¹⁰Entrevistas

disponíveis

em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aolp7VpuxNY&t=19s>.

<https://www.youtube.com/watch?v=KzISZktWqI>.

<https://www.facebook.com/search/top?q=balobas>. Acesso em 04 de outubro de 2025.

crenças como ferramentas de resistência, luta e sobrevivência. O estudo das práticas religiosas, tanto das religiões tradicionais africanas locais, quanto islâmicas e cristãs, permite-nos fazer uma análise profunda da forma como as comunidades respondem a desafios como os incêndios nas *Balobas* de Bissau, e como essas respostas religiosas ajudam a preservar a identidade cultural e a coesão social em tempos de crise.

1. Manifestações espirituais e religiosidade tradicional dos grupos étnicos na Guiné-Bissau.

Nos estudos sobre a religião tradicional africana, Domingos¹¹ discorre que, o sentido da palavra “religião” não está incluída no ponto de vista africano, nem no seu vocabulário particular da interpretação. Porém, a palavra é desconhecida e possui outra interpretação da sua originalidade, indo além do sentido ocidental da palavra.

Todas as descrições das crenças e características das religiões tradicionais africanas estão inseridas nas práticas socioculturais específicas de cada comunidade étnica. Segundo Domingos¹², essas práticas não se restringem à dimensão espiritual, mas refletem a história de origem de cada grupo, as relações de poder, os rituais de cura e de iniciação, os ritos funerários, a relação com a terra e a sustentabilidade, além de festivais, danças, esculturas sagradas e práticas de feitiçaria.

Nesse sentido, segundo os dados obtidos no campo, é possível observar nas falas dos entrevistados *Djambakus* e *Balobeiro* que existe uma resistência em afirmar a identidade étnica e cultural quando é perguntado ou abordado sobre a sua pertença, como podemos perceber no questionamento feito: “qual é a vossa religião?”. Percebe-se uma pequena dificuldade na resposta, por causa da interpretação da palavra “religião” no sentido literal, mas ao longo da explicação, consegue-se compreender que a religião para eles, está ligada às práticas culturais das suas etnias e à relação entre o visível e invisível (vivos e mortos), no vínculo com a terra, família e clã.

A prática da espiritualidade dos grupos étnicos na Guiné-Bissau se enquadra dentro da relação familiar e do clã que dá sentido à

¹¹ DOMINGOS, 2021, p. 02.

¹² Ibidem, p. 02.

importância da vida e suas relações com os mortos, no cuidado com a terra, na sustentabilidade e nas relações com o poder.

Essa forma de organização cultural possui uma forte dimensão espiritual. Frequentemente, mesmo quando um membro da comunidade que possui laços fortes com a tradição tenta se distanciar das tradições, a presença do “espírito” o convoca a participar de determinados rituais tradicionais, reforçando as conexões com suas origens e fortalecendo os vínculos com a comunidade. Como enfatizou Semedo¹³:

Essa forma de organização e cultural tem uma conexão espiritual muito forte. Muitas vezes, mesmo que um membro da comunidade tenta se distanciar das tradições, algo mais forte – “espírito” – o convoca para fazer alguns rituais tradicionais, reforçando ainda mais as ligações com suas origens. Qualquer ser humano é colocado numa relação de forças vitais, algumas mais desenvolvidas do que a sua própria força. Essas forças mais desenvolvidas são o próprio Deus, os antepassados, os defuntos da linhagem, da família; são os pais, feiticeiros, bruxos, etc. Elas podem influenciar a sua vida no bom sentido (saúde, riqueza, poder, promoção na profissão, etc.), aumentando a sua força vital, ou no mau sentido (doença, morte, pobreza, insucesso na profissão, etc.), diminuindo a sua força vital.

Para compreender os episódios de intolerância religiosa e os incêndios de *balobas* na Guiné-Bissau, é importante considerar os contextos históricos, geográficos e populacionais dos grupos envolvidos. De acordo com a obra “Guia turístico, a descoberta da Guiné-Bissau”, segunda edição da revista atualizada, organizado por Joana Benzinho e Marta Rosa (2018)¹⁴. O país, é marcado por migrações, resistências coloniais e influências externas, preservou grande diversidade étnica e religiosa, consolidada após a

¹³ SEMEDO, 2010, p. 130.

¹⁴ Dados disponíveis no link: https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/guia_turistico_guine-bissau_ue_acl2018_pt_web.pdf.

independência em 1973. Geograficamente, é formado pelo território continental e pelo arquipélago dos Bijagós, o que influencia a distribuição das comunidades. Populacionalmente, destacam-se os Balantas (sul e costa), Papéis (Cacheu e Bijagós), Manjacos e Mancanhas (centro e norte costeiro) e Fulas e Mandingas (interior norte e nordeste). Religiosamente, cerca de 45% da população é muçulmana, 40% segue religiões tradicionais africanas e 15% é cristã¹⁵, principalmente católica. Esse panorama evidencia que os conflitos recentes refletem tanto dinâmicas contemporâneas quanto continuidades históricas de dominação cultural e religiosa.

Os grupos da Guiné-Bissau privilegiam o sentido da família como um todo, foi por meio da família que as práticas espirituais e religiosas foram transmitidas e preservadas. Para eles, quando morre uma pessoa na família ou na comunidade, já nasce um “Deus”, curandeiro e mensageiro do mal e do bem, que são chamados de *defunto* (espíritos) como os Manjacos de Pecixe chamam de *Abuknaliebarré* (Filho de Deus ou filho do rei). Assim, cada grupo étnico denomina os espíritos de acordo com a sua concepção de “Deus”.

Na sua tese, “As Mandjuandadi: cantigas das mulheres na Guiné-Bissau”, Odete Costa Semedo ressalta as categorias da denominação dos espíritos, seu significado e o valor espiritual na sociedade guineense, considera-se “Deus todo poderoso, onisciente, que está acima de todas as coisas e todos os homens e de todas as divindades”¹⁶. Ressaltando a fala da minha interlocutora *Djambakus*, que, durante o processo da cura e das consultas tradicionais, alega se *Deus ajuda* (Se Deus ajudar). Nesse enfoque, “tornou-se necessária a existência de entidades mais próximas dos homens e com as quais seria mais fácil os homens interagirem. Essas entidades são os *defuntus*, as almas e os irans”¹⁷. No entanto, esses grupos citados acima são fortemente apegados à cultura, acreditando que o mundo

¹⁵ Disponível em: https://acninternational.org/religiousfreedomreport/pt/relatorios/pais/2023/guine-bissau?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 04 de outubro de 2025.

¹⁶ SEMEDO, Maria Odete da Costa. *As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. Belo Horizonte: Afrontamento, 2010. p. 115.

¹⁷ SEMEDO, 2010, p. 115.

está repleto dos espíritos, que nos vigiam o tempo todo, interagem e influenciam as formas de vivência na comunidade.

2. As árvores como espaços sagrados.

A Guiné-Bissau caracteriza-se pela sua diversidade étnica, cultural e religiosa. Cada grupo étnico possui formas próprias de conceber o espaço sagrado, com regras específicas de adoração e interpretação espiritual. Assim, a maneira de se relacionar com o sagrado, incluindo a forma de nomear e adorar a “Deus”, varia conforme as tradições e cosmologias de cada comunidade¹⁸. Para esses grupos, o espaço sagrado é lugar de respeito, de valor, de comunicação com os familiares mortos e que mantém uma relação contínua com aquelas pessoas que estão no universo espiritual.

Os lugares sagrados de adoração espiritual se encontram em todas as casas dos familiares na comunidade e também no meio coletivo chamado de *bantaba* (espaço de convivência), onde os espíritos do *Irã* e da pessoa morta, passam a olhar para todos na comunidade e nos grupos familiares e clãs.

Djambakus e *Baloberus* são as entidades religiosas máximas que preservam esses espaços e controlam de forma cuidadosa e diferenciada. Também são espaços de realização das cerimônias, rituais, casamentos, consultas tradicionais, festejos, danças entre outras atividades culturais, como veremos nas figuras a seguir.

Imagem 01 – Árvore *Poilão* (lugar onde reside o espírito invisível do *Irã*)

¹⁸ CHIZIANE, Paulina. “Deus não é cristão” [mensagem]. Facebook, 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top?q=paulina%20chiziane>. Acesso em: 1 set. 2024.



Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa de campo de Domingas da Silva (2023).

A interpretação da árvore *poilão* na Guiné-Bissau varia de acordo com cada etnia que faz uso da crença espiritual no país. Os Manjacos, os Papéis, os Mancanhas, os Bijagós, os Balantas, entre outros, consideram essa árvore como sagrada e praticam juntos os rituais de sacrifício de animais, como gado, cabra, galinha em honra aos espíritos. É nessa árvore que habita o espírito invisível do *Irã*. Nessa árvore, a religiosidade é concretizada e ensinada.

Para esses grupos étnicos, o *poilão* é considerado um espaço sagrado, onde habitam diversos espíritos dos ancestrais e do *Irã*. Durante a conversa com meu interlocutor, *Babloberu Ussical* (2023)¹⁹, ele explicou que “no tronco do *poilão* é possível ouvir a voz desses espíritos, que promovem uma boa disposição entre os espíritos dos mortos e do *Irã*”.

Os espíritos que habitam o *poilão* buscam promover conselhos, harmonia e bem-estar tanto da coletividade quanto das famílias. O *poilão* é considerado uma árvore sagrada, pois acredita-se que o *Irã*, um espírito invisível que, para diversos grupos étnicos da Guiné-Bissau, como os Manjacos, Papéis, Mancanhas, Felupes e Bijagós, representa uma entidade divina, única e todo-poderosa, habita em seu interior. Por essa razão, o *poilão* não pode ser cortado, sendo visto como um elo entre o mundo dos vivos e o dos espíritos. Muitas cerimônias e rituais ocorrem à sua sombra, e cada família, em sentido alargado, procura ter o seu próprio *poilão* como forma de proteção espiritual e ancestral.

¹⁹A informação foi recolhida a partir de uma entrevista realizada por mim, Domingas da Silva, em Bissau, com *baloberus* e *djambakus*, no contexto da pesquisa de campo desenvolvida durante o doutorado.

Por isso, é debaixo dessa árvore, que os Manjacos, os Papéis, os Balantas, os Mancanças etc. colocam suas esculturas sagradas e as interpretam como os símbolos de adoração ao espírito do *Irã*. Nela, realizam-se cerimônias espirituais, como a lavagem²⁰ da noiva, pedido dos desejos de um bom trabalho, casamento e poder. Ela pode ser usada também por pessoas que invocam espíritos maldosos para fazer mal aos outros, com o ato de (*mandji*)²¹.

É sob a sombra sagrada do *Poilão* que as entidades religiosas, como os *Djambakus* e os *Baloberus*, recebem as pessoas para realizar consultas tradicionais, solicitar curas e buscar o bem-estar familiar ou individual. Nesse contexto, a religiosidade dos grupos étnicos segue regras próprias de adoração e de comunicação espiritual, nas quais se estabelece uma relação de equilíbrio e acordo entre os espíritos e a pessoa consultada.

No artigo “*De Paris a Jeta, de Jeta a Paris: percursos migratórios e terapêuticos entre França e Guiné-Bissau*”, Clara Carvalho relata que a pessoa que procura o *Djambakus* ou o *Baloberu* para uma consulta ou pedido tem a obrigação de fazer uma promessa: oferecer um animal, geralmente um boi, cabra ou porco, para ser sacrificado no local sagrado, caso o resultado de seu pedido seja satisfatório. O *Djambakus* ou *Baloberu* orienta e acompanha o paciente na realização da cerimônia de “*torna boca*”²², ou seja, o cumprimento da promessa feita.

²⁰ A *lavagem de noiva* representa um momento íntimo e sagrado, em que a noiva é lavada e vestida, simbolizando a sua purificação e preparação para o matrimônio. Nesse ritual, ela é apresentada aos espíritos, que reconhecem e legitimam a sua passagem do estado de solteira para o de casada, marcando a transição para uma nova etapa da vida social e espiritual. Entre alguns grupos étnicos da Guiné-Bissau, como os Manjacos, Papéis, Mancanhas e Balantas, essa cerimônia é realizada como parte essencial do ato de casamento, reafirmando a ligação entre a tradição ancestral, a espiritualidade e a organização familiar.

²¹ MENDES, Paulina. Influência das práticas tradicionais no processo de desenvolvimento nacional: O caso de Mandji na Guiné-Bissau. In: BAMBA et al. (org). A economia colonial da Guiné-Bissau: nacionalização e exploração, 1915-1959. Bissau: INEP, pp. 23-5, 2012.

²² Essa prática reflete a performatividade da palavra nas cosmologias africanas: a promessa não é apenas simbólica, mas um ato que produz efeitos concretos no mundo espiritual e social. Cumprir a promessa é, portanto, uma obrigação ética e religiosa, que mantém a harmonia entre os seres humanos e os espíritos ancestrais. A cerimônia de “*torna boca*” evidencia que a palavra

Caso o indivíduo não cumpra a promessa, acredita-se que o *Irã* envia um espírito do mal para puni-lo, podendo provocar doença, acidente ou até a morte, funcionando como um alerta para que a cerimônia seja realizada. Como enfatiza Hampaté Bâ (1980)²³, a palavra é sagrada na concepção africana: o indivíduo é responsável pelo que pronuncia, podendo sofrer consequências tanto para o bem quanto para o mal.

Imagem 2 – A Árvore *Poilão* em meio da barraca de *Kansaré* ou *baloba*



Fonte: Arquivo pessoal de Domingas da Silva.

Entre os Manjacos e os Papéis, a casa de *Kansaré* (casa daquelas pessoas que estão no universo espiritual) fica sempre ao lado de um *poilão* grande, onde se considera a existência do *Irã*, e é dividida entre a casa dos espíritos masculino e feminino, como podem ver na imagem acima. Também, esse espaço é chamado de *Bantabá*, na etnia

e a ação ritual estão intrinsecamente ligadas, reforçando valores como responsabilidade, reciprocidade Mauss (2003) e respeito às leis espirituais que regem a coletividade.

²³ HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) História Geral da África: metodologia e Pré-história da África. v. 1. Brasília: UNESCO, 2010. pp. 167-212.

Manjaco de Pecixe, que serve para convivência, realização de rituais funerários, cerimônias, danças e festejos.

*Kansaré*²⁴ ou *Baloba*²⁵ são lugares sagrados daqueles que vivem no mundo físico e aqueles que estão no universo espiritual, onde os ancestrais se encontram para celebrar a vida comum e agradecer aos espíritos pela proteção. É um santuário de conservação das tradições milenares de um povo e de um determinado clã, que representa a genealogia de um grupo comum que comunga a mesma crença religiosa.

No espaço sagrado *Kansaré* ou *Baloba* se encontram os *Baloberus* e *Djambakus*, que cuidam desse lugar sagrado e recebem as pessoas para realizar cerimônias, adoração dos espíritos e fazer pedidos de proteção e realização de desejos. *Baloba* é um patrimônio religioso coletivo de um grupo étnico (etnias que realizam cerimônias tradicionais geralmente têm *Baloba*) como parte da crença espiritual.

Imagem 3 – *Baloberu* Ussical sentado na *Baloba*.



²⁴O termo *Kansaré* é utilizado nas línguas das etnias Manjaco e Pepel, enquanto *Baloba* é a denominação correspondente em crioulo, sendo de uso comum na capital, Bissau, na Guiné-Bissau.

²⁵ Pode ver na página “no hispotria” o significado de *baloba* disponível em: https://www.facebook.com/search/top?q=incendio%20de%20baloba%20em%20bissau&locale=pt_BR. Acesso em 06 de outubro de 2025.

Fonte: Arquivo pessoal de Domingas da Silva,
Bissau, 2023.

Essas representações carregam consigo um sentimento de pertença e a vontade de continuar preservando a essência que cada grupo étnico representa dentro do seu mosaico cultural e religioso. São essas características da manifestação do sagrado que fazem com que o homem ocidental experimente um certo mal-estar diante da manifestação religiosa ancestral e não acreditam que, o sagrado pode se manifestar em árvores, em pedras, como enfatizou autora:

O sagrado pode manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado²⁶.

No entanto, os Manjacos, Papéis, Mancanhas, Balantas e outros estão enquadrados dentro dessa crença espiritual, que, hoje em dia, sofrem ataques de fundamentalistas que acreditam que o “Deus” deles é o único caminho a ser seguido e o único meio de salvação. Para eles, não existe o sagrado e nem a espiritualidade na concepção religiosa dos grupos étnicos, e a árvore *poilão* é vista por eles como uma simples árvore, indigna de ser chamada de “lugar sagrado”, Como será observado nos casos de vandalismo e incêndio de certas árvores de *Poilão* (*Baloba*) na Guiné-Bissau.

3. Intolerância religiosa e ameaças às tradições étnicas na Guiné-Bissau: o caso das *Balobas* incendiadas.

De acordo com Santos et al (s.d.)²⁷, no artigo Intolerância Religiosa e Racismo: Desafios para a Construção da Equidade e com Silva (2007)²⁸, em Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Brasileiro, a intolerância religiosa tem origem no encontro desigual entre o cristianismo

²⁶ ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 13.

²⁷ SANTOS et al, p. 182.

²⁸ SILVA, 2007.

européu e as religiões africanas, sendo resultado de relações históricas marcadas pela dominação e pelo preconceito. Nesse contexto, os colonizadores, sob forte influência do cristianismo, estabeleceram uma hierarquia entre as crenças, classificando a religião cristã como “boa” e as religiões africanas como “más” ou “pagãs”. Essa distinção serviu como instrumento de controle e poder, levando à marginalização, criminalização e perseguição das práticas religiosas de matriz africana, cujos adeptos foram retratados como representantes do mal.

Nogueira (2020)²⁹, em seu estudo *Intolerância Religiosa*, observa que esse fenômeno acompanha a humanidade desde os seus primórdios, adaptando-se às transformações políticas, culturais e econômicas de cada época. Assim, a intolerância religiosa, consolidada no período colonial, deve ser compreendida dentro de um processo mais amplo de dominação. Na Guiné-Bissau, por exemplo, o projeto colonial também se sustentou na imposição da língua, da cultura e da religião do invasor, sendo a Igreja um dos principais instrumentos de difusão da cultura ocidental e de legitimação do poder europeu ao longo dos séculos. Como afirmou:

Desde a invasão pelos portugueses, a religião cristã foi usada como forma de conquista, dominação e doutrinação, sendo a base dos projetos políticos dos colonizadores. Reforçam, por meio de narrativas históricas, o apagamento de qualquer crença que não fosse a imposta por Portugal³⁰.

A invasão portuguesa exerceu um papel etnocêntrico sobre a religiosidade tradicional africana, impondo valores e práticas externas às culturas locais. Diante da diversidade de povos e civilizações, torna-se difícil compreender plenamente a pluralidade religiosa do continente. Como observa Mbiti (1990)³¹, a religião africana está profundamente integrada à vida social e comunitária.

²⁹ NOGUEIRA, 2020.

³⁰ Ibidem, p. 19.

³¹ MBITI, John S. *Religiões e Filosofia Africanas*. Lisboa: Edições 70, 1990.

Hountondji (1990)³² destaca que abordagens ocidentais muitas vezes desconsideram os sistemas de conhecimento africanos, enquanto Lévi-Strauss (1967)³³ alerta para a necessidade de analisar a diversidade cultural em seus próprios termos, evitando reduções etnocêntricas.

A introdução de novas formas de poder, governança e religião pelo império português teve impactos negativos e duradouros sobre as práticas religiosas locais. Porém, a resistência às imposições coloniais tem sido significativa para permanência da religião tradicional africana em África e na Guiné-Bissau.

Nesta senda, torna-se necessário compreender os conceitos de religiosidade e de intolerância religiosa que vêm ganhando campo ao longo dos anos, por meio dos discursos de ódio e violência³⁴. Assim, o conceito de religiosidade refere-se à maneira como as pessoas expressam suas crenças e práticas espirituais, envolvendo a relação com o divino, com a tradição religiosa e com a moralidade. Ela abarca tanto a vivência individual quanto às manifestações coletivas da fé, podendo incluir rituais, orações, celebrações, valores e filosofias que orientam a vida de uma pessoa ou grupo³⁵.

A intolerância religiosa ocorre quando há atitudes de desrespeito, preconceito ou discriminação em relação a crenças diferentes das próprias. Esse fenômeno pode se manifestar de diversas formas, incluindo violência, segregação social, hostilidade ou exclusão de indivíduos ou grupos com base em suas práticas religiosas. Em geral, a intolerância surge quando se tenta impor uma única visão religiosa como superior ou exclusiva, desconsiderando a pluralidade de crenças existentes na sociedade.

Em outras palavras, a intolerância religiosa contra as religiões africanas se manifesta tanto por meio de discursos simbólicos quanto de agressões físicas, sendo, segundo Silva (2007)³⁶, o principal alvo

³² HOUNTONDJI, Paulin. *Filosofia Africana: Mito e Realidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

³³ LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Lisboa: Edições 70, 1967.

³⁴ NOGUEIRA, 2020.

³⁵ DOMINGOS, 2021.

³⁶ In MIRANDA, Ana Paula Mendes de; CORREA, Roberta de Mello; ALMEIDA, Rosiane Rodrigues, 2017, p. 05.

desses ataques a visibilidade e a legitimidade pública dessas tradições religiosas, especialmente na Guiné-Bissau e em outros contextos africanos.

Ademais, os incêndios de *Balobas* em Bissau, Guiné-Bissau, ilustram atos de violência, preconceito e intolerância contra as religiões tradicionais africanas. Segundo Sousa *et al* (2016)³⁷ tais ataques vêm crescendo, afetando saberes herdados ao longo dos séculos e prejudicando a convivência social harmoniosa entre os guineenses, como evidenciam as narrativas apresentadas a seguir.

No dia 27 de fevereiro de 2024, ao acessar o Facebook por volta das 10h (horário de Brasília), deparei-me com notícias e imagens chocantes sobre as invasões e incêndios em *Balobas* em bairros tradicionais da capital – Bandim e Mindará, em Bissau. Fiquei imediatamente impactada e questionei-me: o que leva indivíduos ou grupos a praticar atos tão intolerantes e violentos? Será que têm consciência do impacto que tais ações podem causar à sociedade guineense? Esses acontecimentos convidam-nos a refletir sobre os incêndios de *Balobas* como expressões de intolerância religiosa, que desrespeitam e ameaçam a diversidade religiosa do país.

Imagem 4 – *Balobas* incendiadas em Bissau.

Campeonato di kemansa di Irã ku Balobas
dipus di jogo di kemansa di Baloba di
Mindará " Djoku" gós i na Bandé traz di
Federação na Irã di Bás di Pó.
Mas entidades competentes Kala só ena
pera di mal pá pior situação di vítimas.
Aos é madrugada (27/02/24)



Fonte: Arquivo do facebook, disponível em:
<https://www.facebook.com/search/top?q=balobas>
. Acesso em 04 de abril de 2024.

³⁷ SOUSA; FIGANA, 2016.

A religiosidade, se não for cultivada de maneira inclusiva e respeitosa, pode alimentar essa falta de empatia, levando a conflitos e até perseguições religiosas. No entanto, quando a religiosidade se torna rígida ou fundamentalista, ela pode ser fonte de intolerância religiosa, pois aqueles que seguem uma determinada crença podem se ver como os únicos “certos” e os outros como “errados ou inferiores”.

Nesse sentido, percebe-se que na imagem acima, há uma grande preocupação das entidades religiosas *Balobeiros* e *Djambakus*, e também da sociedade em geral, em relação a esse flagelo que está crescendo a cada dia na sociedade guineense.

Nos relatos nas redes sociais (Facebook), as entidades religiosas *Djambakus* e *Balobeiros* afirmaram que os atos de vandalismo e incêndio teriam sido desencadeados por alguns simpatizantes e fiéis de congregações evangélicas carismáticas que realizam ações de evangelização nos arredores das *Balobas* e, em alguns casos, nos próprios lares das famílias, com o objetivo de convertê-las ao evangelho. Tais ações refletem uma tensão crescente entre a religiosidade tradicional africana e a expansão de doutrinas externas, evidenciando práticas de intolerância que desrespeitam espaços sagrados, saberes ancestrais e a diversidade religiosa na sociedade guineense.

Neste sentido, alguns membros da religião tradicional africana acabam cedendo, enquanto outros resistem. Membros de congregações evangélicas carismáticas, após uma forte doutrinação, começam a perturbar os próprios familiares com ofensas e discriminações, considerando os caminhos religiosos dos outros como equivocados.

Diante do preocupante cenário de invasões às *Balobas* e de violência contra praticantes de religiões tradicionais, as chefias das *Balobas* da capital – Bissau, com o apoio de grupos culturais como NÓ RAIZ³⁸ convocaram uma conferência de imprensa em uma das *Balobas* vítimas desses ataques. A iniciativa teve como objetivo denunciar todas as formas de discriminação e intolerância religiosa, solicitar o apoio do Estado guineense e da sociedade civil para a preservação e segurança desses locais de culto sagrado, e reforçar a importância do respeito à liberdade e à diversidade religiosa no país.

³⁸ Página disponível no facebook link: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100067088921007>.

Durante a conferência de imprensa, ficou evidente o descontentamento dos *Baloberus* e *Djambakus* diante dos constantes atos de agressão e intolerância religiosa de que são vítimas. Essa indignação pode ser observada nas palavras de um dos representantes:

Entrevista com os baloberos pela TV RTP África³⁹:
A nossa posição não é dividir a raça (etnia), djorson (clã) e nem a população guineense e as religiões. Não é isso que nos trouxe aqui, mas o que fazem isso é o político e queremos saber como é que o Estado nos vê? Porque se há problema em casa e o pai não se pronuncia é porque existe o mais querido e protegido.

De acordo com a análise de vídeos e notícias que circularam nas redes sociais, os líderes de *balobas* atribuíram o acontecimento dos incêndios a atos de intolerância religiosa, resultantes do radicalismo e do fundamentalismo presentes em determinados grupos religiosos. As chefias tradicionais interpretam esse fenômeno como expressão de um conflito crescente entre as práticas espirituais ancestrais e alguns segmentos cristãos contemporâneos. Por outro lado, destacam também a atuação de certos líderes religiosos autoproclamados que, utilizando-se da estrutura de igrejas pentecostais e neopentecostais, propagam interpretações distorcidas da fé com objetivos econômicos, em detrimento das práticas tradicionais, uma postura considerada contrária aos princípios religiosos, tanto sob a ótica das tradições locais quanto na perspectiva ocidental.

Durante a Conferência do grupo **Nó Raiz**, coletivo que defende o pan-africanismo, promove a coesão social e atua no combate à violência e à radicalização religiosa na Guiné-Bissau, um *balobeiro* da *baloba* de bairro Mindará manifestou o seu descontentamento, em entrevista concedida à RTP África, e alegou que:

³⁹ Notícias da RTP/África. Disponível em: <https://rtpafrica.rtp.pt/noticias/guine-bissau-algumas-balobas-pequenos-locais-de-culto-religioso-tem-sido-incendiadas/>.

Balobeiro 140: Embora o Estado não cumpra com os seus deveres para minimizar os conflitos, a invasão pelo espaço sagrado que está sendo constantemente violentados em alguns bairros de Bissau como em balobas de Mindará e Bandim. O Estado até agora não se manifestou e vai esperar o mal acontecer para depois pronunciar e jogar a culpa em nós, porque a nossa religião é mais fraca.

Outro líder *Djanbakus* apontou que:

Djanbakus 141: Se estamos na sociedade é importante a união e respeito pelo que o outro segue e faz, mas nunca podemos conviver na paz, invadindo a privacidade do outro. Se pegamos alguém incendiando as nossas Balobas e se optamos pela violência, o que pode acontecer? Não é o conflito entre nós irmãos ? Que vivem no mesmo país? O que o Estado vai dizer sobre isso? Então, ninguém aceita para o outro chegar na sua casa e faz o que quiser e vai embora, isso, pode provocar reação ao contrário. Isso que tenho a dizer, que cada um de nós toma cuidado e sejamos responsáveis por nossos atos, desde já que o Estado não toma uma posição perante esta situação.

Na tentativa de desconstruir ideias preconceituosas sobre religiões de matriz africana, o coletivo de jovens “Nó Raiz” tem desempenhado um papel significativo na luta contra a intolerância religiosa na Guiné-Bissau. O grupo manifesta seu descontentamento diante do cenário desafiador enfrentado pelo país nas últimas décadas, dedicando-se a acompanhar ações afirmativas relacionadas

40 Entrevista disponível no link: <https://rtpafrica.rtp.pt/noticias/guine-bissau-algumas-balobas-pequenos-locais-de-culto-religioso-tem-sido-incendiadas/>.

41 Entrevista disponível no link: <https://rtpafrica.rtp.pt/noticias/guine-bissau-algumas-balobas-pequenos-locais-de-culto-religioso-tem-sido-incendiadas/>.

às tradições locais e priorizando, atualmente, o resgate da identidade cultural guineense.

Considerações finais

Apesar das tensões e desafios, é importante destacar que a Guiné-Bissau tem uma longa história de convivência pacífica entre diferentes grupos religiosos. Existem exemplos de colaboração entre as comunidades muçulmanas, cristãs e praticantes de religiões tradicionais. As festas religiosas, como o Ramadã, o Natal e as celebrações das religiões tradicionais, são muitas vezes celebradas de maneira intercalada, e o respeito mútuo é um valor compartilhado pela maioria da população.

Em resumo, embora a Guiné-Bissau seja reconhecida como um exemplo de convivência pacífica entre diferentes grupos étnicos e religiosos, observa-se, nos últimos anos, o crescimento de práticas de intolerância e episódios de violência motivados por tensões entre distintas concepções de fé.

De acordo com nossa análise de vídeos e postagens viralizadas nas redes sociais, líderes e membros das comunidades de *balobas* manifestam preocupação com a mercantilização da espiritualidade promovida por determinados segmentos neopentecostais, que transformam a fé em instrumento de lucro e poder simbólico. Em paralelo, também relatam como as heranças históricas da imposição cultural e religiosa católica, vinculadas ao período colonial, contribuíram para a desvalorização das práticas espirituais africanas tradicionais. Assim, as reações observadas, que vão desde críticas diretas à mídia social até declarações em entrevistas, revelam que a atual configuração de conflitos religiosos na Guiné-Bissau é resultado tanto de dinâmicas contemporâneas de expansão religiosa quanto de continuidades históricas de dominação cultural, afetando diretamente a convivência e o respeito entre diferentes grupos.

Em outras palavras, a interação entre diferentes religiões, o pluralismo cultural e a busca pela unidade nacional continuam a representar desafios. No entanto, a maioria da população demonstra apoio à manutenção da paz religiosa e à promoção do respeito mútuo. Embora o país ainda precise fortalecer suas instituições e enfrentar outros tipos de violência, a intolerância religiosa não configura um problema alarmante em comparação com outras regiões do mundo, ainda que mereça atenção e monitoramento contínuo.

Até o momento, o Estado guineense não implementou iniciativas concretas nem criou comitês específicos para lidar com os incêndios de *balobas* ocorridos em 2024 ou com os episódios de intolerância religiosa. Em contrapartida, observou-se mobilização da sociedade civil e de líderes religiosos, que têm buscado prevenir conflitos e promover a tolerância. Em março de 2024, mais de 50 líderes⁴² de diferentes denominações, incluindo comunidades católica, muçulmana, evangélica e tradições africanas, assinaram uma declaração conjunta repudiando atos de intolerância e solicitando a investigação e responsabilização dos envolvidos. Reuniões posteriores reforçaram compromissos coletivos na prevenção do radicalismo e da violência religiosa⁴³. Apesar dessas iniciativas, a ausência de ações institucionais do governo evidencia a necessidade urgente de programas educativos, reformas legais que garantam igualdade de direitos para todas as religiões e etnias, políticas públicas inclusivas e espaços de diálogo inter-religioso e intercultural, com apoio de pesquisadores e agentes sociais capacitados, para fortalecer o respeito mútuo e prevenir novos conflitos.

Referências

CARVALHO, Clara. 2003. De Paris a Jeta, de Jeta a Paris. Percursos migratórios e ritos terapêuticos entre França e Guiné-Bissau. In: SORONDA, Revista de Estudos Guineenses.

CHIZIANE, Paulina. “Deus não é cristão” [mensagem]. Facebook, 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top?q=paulina%20chiziane>. Acesso em: 1 set. 2024.

DOMINGOS, Luís Tomás. Religião tradicional Africana. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 1, p. 10690-10698, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23915>. Acesso em: 20 mar. 2025.

⁴² Disponível em: https://observatoriodapaz.org/lideres-religiosos-unem-se-em-apelo-por-paz-e-tolerancia-na-guine-bissau/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 09 de outubro de 2025.

⁴³ Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/africa/news/2024-03/guine-bissau-lideres-religiosos-adotam-declaracao-de-apelo-a-pa.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 09 de outubro de 2025.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) *História Geral da África: metodologia e Pré-história da África*. v. 1. Brasília: UNESCO, 2010. pp. 167-212.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva: forma e função do presente nas sociedades arcaicas*. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MBEMBE, Achille. *Política da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MENDES, Paulina. Influência das práticas tradicionais no processo de desenvolvimento nacional: O caso de Mandji na Guiné-Bissau. In: BAMBÁ *et al.* (org.). *A economia colonial da Guiné-Bissau: nacionalização e exploração, 1915-1959*. Bissau: INEP, pp. 23-5, 2012.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de; CORREA, Roberta de Mello; ALMEIDA, Rosiane Rodrigues. Intolerância religiosa: a construção de um problema público. *Revista Intolerância Religiosa*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-19, 2017.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Pólen, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Ivanir dos; GINO, M. Intolerância Religiosa e Racismo: Desafios para a Construção da Equidade. In: Carlos Alberto Ivanir dos Santos; Bruno Bonsanto Dias; Luan Costa Ivanir dos Santos. (Org.). *II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe*. 1ed. Rio de Janeiro: UNESCO, 2023, v. 1, p. 182-191.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. *As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. Belo Horizonte: Afrontamento, 2010.

SILVA, Domingas da. *O tabu e o visível: tribalismo e política na eleição de 2019-2020 em Guiné-Bissau*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3685/1/DOMINGAS%20DA%20SILVA%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SILVA, Vagner Gonçalves. *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/r_moura.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2025.

SOUSA, De Muniz, Guilherme e FICAGNA, Dall, Agnal, Regina, Lais: *do preconceito à intolerância religiosa*. Revista EDUC, v. 3, n. 2, 2016. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20171006092335.pdf>. Acesso em 14 de dezembro de 2024.